



**UNIVERSIDADE EUROPÉIA DE VERÃO, CHALONS-EN-CHAMPAGNE,  
7 - 17 de julho de 2003**

**ENSAM**  
Universidade de Tecnologia de Troyes, APREIS  
Conferência dos Diretores das Escolas e Formações de Engenheiros,  
Cidade de Chalons, Cidade de Troyes, Região Champagne-Ardennes,

## **Tecnologia e Desenvolvimento Sustentável na Europa**

### **O LAÇO. O LIGADO. O LIGANTE**

Os vínculos eco-industriais, a economia solidária,  
o governança mundial, os parceiros de projeto locais,

### **ÉTICO, ESTÉTICO, POLÍTICA E CIÊNCIA DA SUSTENTABILIDADE**

Um desafio, um imaginário, um sopro de vidano feminino, cor de café e sabor de pão

Léo Dayan

## O LAÇO. O LIGADO. O LIGANTE

O conceito de sustentabilidade abre um novo campo de estudo científico, estético, cultural e ético: o laço o ligado o ligante. Ele impõe limites ao desenvolvimento, os que a manutenção do laço requer, mas lhe abre novas trajetórias, os que a criação do laço explora, e lhe comunica uma parte de sedução e um sentimento, o positivo imaginário e o sopro de vida que dão luz à consciência e a realização do laço. A sustentabilidade representa-se ao feminino, desposa-lhe o rosto, a intuição e história e pede-lhe emprestado o futuro.

O conceito de sustentabilidade interessa-se em inter-relações e inclui estas no quadro de um sistema global no qual a afirmação da unidade do mundo estorva sua diversidade. Mas ele permite simultaneamente, tratando-se da sociedade humana, reconhecer a especificidade, as interatividades e os graus de liberdade dessa diversidade e construir novas solidariedades. Ainda que inspirado pela teoria dos sistemas ele apóia-se no holismo metodológico, conduz a um novo universalismo que não cai de maneira alguma na elaboração de políticas liberticidas. Um sistema pode utilizar, de acordo com determinadas situações, vários caminhos diferentes, e somente é sustentável quando assume no quadro de uma norma e uma ética compartilhada, um papel que determina ao local, condição para sua própria reprodução.

Se a justificação inicial reside na necessidade em reunir as condições de sobrevivência das espécies, ela também reside, diante do risco do caos, na parte de sedução que o imaginário da sustentabilidade traz em si: a reconciliação.

Essa via incita ao sonho o homem entregue à civilização técnica e comerciante e o liberta das antinomias e “robinsonadas”, inclusive as “Sexta-feiras”, que suscitam as divisões disciplinares, a especialização das tarefas, a prevalência das verticalidades organizacionais, o monopólio do perito, o individualismo metodológico, os imperialismos culturais e os insulamentos econômicos: o Universal e o Diferente (d), a teoria e a prática, a Realidade e o Virtual, Norte-Sul, a Sociedade e o Indivíduo, a indústria e a natureza, a cidade e o meio ambiente, a Autoridade e a Liberdade, o Risco e a Precaução, a Lei e o Sonho.

Ela leva a reconstruir, no transdisciplinar, o conceito de desenvolvimento, a unir a ética, o político, o cultural, a estética e a ciência e escapar de um sistema cuja lógica de funcionamento produtivista e etnocida ficaria inalterada. São então exigidas a ecologia industrial e a economia interdependente para pensar nessa renovação.

Ambas estabelecem, para o olhar do dever e da estética de sustentabilidade, sua relevância pelo recurso comum aos princípios de reciprocidade, para os passos cooperativos “over the fence” da proximidade (“virtual” ou “física”), a energia cidadã, o gênio cultural local, a autonomia local, a confiança, a responsabilidade social e a circulação cruzada da informação posta em rede e em sinergia.

Ajustando o equilíbrio, as racionalidades do mercado e do Estado, elas fazem predominar a energia civil, a engenharia humana, as redes de territórios de projetos, o contrato e o capital imaterial sobre a maquinaria tecnológica, a tentação regulamentada, o jugo jurisdicional territorial e a padronização mercantil.

O uso intensivo dos recursos, a desmaterialização sistêmica da economia e a substituição da produtividade de recursos e da informação a do trabalho, e a junção circular e em rede de territórios fundam a ecologia da sustentabilidade, permite uma economia interativa do laço, essencialmente regional, e aboca uma sociedade da riqueza de uso e do laço social.

O centro de gravidade econômico desliza da produção para a administração local, do produtor para o consumidor cidadão, da energia fóssil para a energia informacional, do agregado individual para a equipe móvel de trabalho. O conhecimento local, as redes de projetos, o empreendedor e as associadas energias civis do local e o patrimônio meio ambiental local passam a ser os atores do global, desenham um outro mundo.

Reconceituar, redesenhar o sistema industrial em termos de ecossistemas e passar do governo do mundo e os perímetros sem cidadania para a governança mundial multilateral e global e aos parceiros de projeto locais tornam-se os pontos críticos para a realização local da sustentabilidade global, uma meta antropológica, tecnológica e social para sociedades hiper-industrialistas e uma competição estética, cultural e ética para o desenvolvimento.

A sustentabilidade privilegia a relação do homem ao homem em vez da relação do homem para o objeto. Ela limita a vontade de poder do homem sobre o objeto, a natureza e os outros homens. Ela substitui pela confiança no futuro do humano a administração dos homens, a arrogância técnica, os retraimentos culturais e o poder do comerciante.

Antes feminina, ela é o sopro da vida que tece de novo os laços do viver, devolve ao café a cor da manhã e ao pão o sabor da vida. Também é caminho para a emancipação da mulher e o equilíbrio cultural de relações de força histórica e educativamente estabelecidas pelo homem, ao Norte ou ao Sul.

Não foi uma mulher que iniciou o conceito universalmente? ....